



A SOCIABILIDADE DE CRIANÇAS GUARANI /KAIOWÁ EM ESCOLA NÃO INDÍGENA

MORAIS, Clotildes Martins¹ (clotildesmm_08@hotmail.com); **RAMOS, Antônio Dari²** (antonioramos@ufgd.edu.br).

¹Discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFGD;

²Doscente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFGD.

Ao ingressarem na escola, os alunos trazem consigo diferentes formas de ser, pensar e agir que expressam os princípios éticos e morais dos grupos em que estão inseridos. Atuando como profissional da educação, chamou-me a atenção a forma como estudantes indígenas e não indígenas se relacionavam, no contexto de uma escola não indígena. No cotidiano escolar, não existia interação entre os alunos indígenas e não indígenas, eles formavam grupos isolados, tanto nas salas de aulas, quanto em outros espaços da escola. Os alunos indígenas na ótica da escola, eram considerados “incapazes de aprender”, pelo fato de ser indígena. Neste contexto, a maioria dos alunos indígenas desistiam dos estudos, no decorrer do ano letivo, ou eram reprovados ao término do ano. Estas e outras situações que permeiam em diferentes espaços escolares do nosso contexto educacional local, nos motivaram a pesquisar sobre a escolarização de crianças indígenas, inseridas em escolas não indígenas, localizadas fora das comunidades em que vivem. A partir da pesquisa, foi possível observar, descrever, refletir e interpretar as teias de relações estabelecidas entre as crianças indígenas, com as crianças não indígenas, com os professores, coordenação, direção e demais funcionários da escola. Na realização da pesquisa, utilizamo-nos do método etnográfico, ou seja, foi realizado uma observação participante do cotidiano escolar, assim como, o acompanhando pedagógico dos alunos indígena em sala de aula e em outros espaços de uma determinada escola pública da Rede Municipal de Ensino de Dourados. A partir da pesquisa, buscou-se reflexões e discussões que pudessem contribuir para a compreensão das assimetrias sociais e culturais e para a desconstrução de estereótipos reproduzidos historicamente, principalmente em relação aos povos indígenas, com os resultados da pesquisa, espera-se contribuir para a construção de um modelo educacional que assegure o respeito e a valorização às diferenças culturais existente nas escolas e na nossa sociedade como um todo, pois, acreditamos que, olhar para a escola, enquanto palco das diferenças, é uma prática educativa emancipatória, é um ato de democratizar espaços, de reconhecer o direito do outro de ser diferente. É um ato de reflexão e ação eticamente voltada para a dignidade humana.

Palavras-chave: criança indígena, interação, aprendizagem.

Agradecimentos: Ao Programa de pós graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados.